

## Apresentação

«Lieu d'apprentissage de pratiques langagières spécifiques et nécessaires à la construction des savoirs, l'oral, objet aux contours flous, était néanmoins imposé comme étant à enseigner et à évaluer, sans que soient construites les conditions d'une véritable réflexion associant chercheurs et enseignants: les prescriptions ne construisent pas une didactique.» (DUPONT; DOLZ, 2020, p. 7)

Durante muitos anos, o ensino de línguas concentrou-se, sobretudo, no ensino da leitura e da escrita. As capacidades de comunicação oral estariam reservadas à transmissão e à aprendizagem realizadas, desde cedo, no seio familiar e com as demais crianças, e caracterizar-se-iam por uma natureza espontânea e informal. Porém, e nos últimos 30 anos, tem já o ensino do oral vindo a assumir (também) um papel fundamental no centro das preocupações didáticas, no campo do ensino, ao ser este objeto considerado como um domínio determinante para o sucesso do aluno nas suas mais diversas esferas de ação, como a académica, a profissional e a pessoal. Destacam-se, para esta relevante inflexão, os trabalhos de L. A. Marcuschi (1998, 2003, 2007) e do Grupo de Genebra (DOLZ-MESTRE, ERARD, SCHNEUWLY, 1995; DOLZ, SCHNEUWLY, 1998/2017; DOLZ-MESTRE, 2015, 2017; DOLZ, DUPONT, 2017), com marcantes repercussões a nível quer da própria linguística do texto, quer da sociolinguística, quer da didática das línguas. Deixa de haver uma preocupação em distinguir as modalidades escrita e oral, passando mesmo a existir não só um determinado consenso sobre a insuficiência de uma inflexível distinção entre estas, como também, e sobretudo, uma necessidade de articulação entre ambas.

O interesse por um trabalho explícito em torno do oral é já hoje, de facto, uma realidade a poder ser cientificamente comprovada, em âmbito internacional. Nos mais diferentes países, e com os mais distintos contextos, assiste-se a uma evidente demanda de dispositivos concretos para um desenvolvimento da compreensão e da produção de textos orais. Esta demanda é

acentuada pela preocupação por um ensino plurilingue e pelo desenvolvimento do ensino das línguas estrangeiras. Ressalta-se a comparação dos contextos e das inovações em diferentes países da América e da Europa, como no Brasil, em Portugal, na Bélgica, na França, na Espanha e na Suíça, principalmente, mas também em contraste com outras línguas diferentes do português, tratadas neste dossiê, como o espanhol, o euskera, o francês e o inglês. No contexto internacional, assume-se, assim, um interesse de diferentes países pelo desenvolvimento escolar da oralidade. Com efeito, têm sido já muito importantes todos os esforços feitos neste campo, quer no Brasil e em Portugal quer em outros países envolvidos. No Brasil, diferentes pesquisas foram realizadas no que se refere às propostas de interação por gêneros orais dos livros didáticos, nas práticas de ensino e na formação do professor (LEAL, GOIS, 2012; BUENO, COSTA-HÜBES, 2015; MAGALHÃES, CRISTOVÃO, 2018; MAGALHÃES, BUENO, COSTA-MACIEL, 2021), sobretudo na última década. Em Portugal, tem-se igualmente assistido a um considerável esforço, também mais notório nos últimos anos, para demonstrar a importância de reivindicar o devido espaço ao ensino da oralidade, em todos os níveis de ensino (NRA, 2006; SIM-SIM, SILVA, NUNES, 2008; MARQUES, 2010; PINTO, 2010). Porém, há ainda um significativo caminho a percorrer, no sentido de (continuar a) desenvolver os trabalhos já levados a cabo, e explorando novas vias de trabalho e de investigação, em prol de um ensino o mais profícuo possível da oralidade, no espaço da sala de aula.

Afinal, constitui-se o oral como uma ferramenta essencial de comunicação, não só estando presente na maioria das situações de interação como também contribuindo para o desenvolvimento quer da escrita quer do pensamento. No entanto, e apesar desta relevância atribuída ao ensino oral, tanto em teoria quanto nos próprios textos programáticos oficiais, a realidade não deixa de traduzir que há ainda um considerável caminho a ser percorrido, para que possa o oral assumir o lugar devido, nas nossas salas de aula, nos mais diferentes níveis de ensino.

Uma questão de pesquisa fundamental assenta em como organizar a progressão curricular do oral. Com efeito, a aprendizagem da oralidade não se limita ao âmbito familiar nem ao ensino básico. Numa perspectiva em que os objetos de ensino precisam ser explicitados, saber o que e quando ensinar é fundamental. A compreensão crítica dos gêneros orais e o desenvolvimento da expressão são capacidades que podem ser abordadas em diferentes níveis de escolarização, inclusive na formação profissional.

Ora, este nosso dossiê, intitulado, precisamente, «O lugar da oralidade em sala de aula: práticas de ensino da escola à universidade», visa reunir contribuições que não só se detenham

sobre esta problemática como também auxiliem na progressão do trabalho que tem vindo então a ser realizado neste campo científico. Quanto à sua composição, é constituído por 17 artigos que se distribuem por quatro grandes eixos temáticos: i) objetos e dispositivos de ensino; ii) práticas declaradas dos professores sobre o ensino do oral; iii) experiências inovadoras de ensino e avaliação do oral na escola; iv) formação docente. Os três primeiros eixos dizem respeito ao lugar da oralidade na sala de aula e em projetos escolares mais amplos. O último eixo refere-se à universidade e, muito particularmente, à formação docente. E, ainda que de forma muito sumária, passaremos, precisamente, à apresentação de cada um destes textos com os aportes para cada um dos quatro eixos mencionados.

No eixo referente a «OBJETOS E DISPOSITIVOS DE ENSINO», a autora de «Competencias comunicativas orales en los manuales escolares de las materias no lingüísticas», Inés María García-Azkoaga, explora as oportunidades oferecidas pelos livros didáticos escolares e capazes de influenciar o desenvolvimento de habilidades linguísticas e comunicativas, em euskera, de alunos bilíngues, analisando livros didáticos de disciplinas não linguísticas de três escolas do País Basco, tendo sido possível identificar um esforço de integração das habilidades de comunicação de forma transversal, ainda que as formulações nem sempre sejam acompanhadas de instruções para um aproveitamento mais profícuo por parte do docente. Já Telma Ferraz Leal, autora de «Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola», revisita publicações oriundas de pesquisas que coordenou ou orientou acerca do tema «ensino da oralidade», em documentos curriculares, livros didáticos e práticas de ensino. A autora identifica o predomínio de orientações e atividades de conversa/discussão e oralização de texto escrito e a insuficiência do tratamento das relações entre fala e escrita, reflexões sobre práticas orais e produção/escuta atenta de géneros mais formais. Porém, um grupo de docentes de uma experiência formativa sobre o trabalho com géneros orais, e também em análise, desenvolveu já atividades produtivas, contemplando escuta atenta, planeamento e avaliação de situações de produção oral. As autoras Ana Elisa Jacob e Maria de Fátima Guimarães, em «As capacidades de linguagem no trabalho proposto com o género debate na BNCC para os anos finais do Ensino Fundamental», visam já refletir sobre as capacidades de linguagem passíveis de serem desenvolvidas com o que é proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino do género oral debate. As pesquisadoras concluem que as capacidades de ação, discursivas e linguístico-discursivas são já levadas em consideração na BNCC, o que não acontece ainda com as capacidades multimodais e multissemióticas, comprometendo, assim, o ensino e a aprendizagem do género. Noémia Jorge, por sua vez, com «A compreensão de

gêneros orais no ensino secundário em Portugal: dos programas curriculares aos manuais escolares», explora a forma como a compreensão de textos e de gêneros orais (com enfoque na reportagem) é atualmente didatizada no ensino secundário português, através do confronto entre documentos curriculares e manuais escolares (10.º ano de escolaridade). A autora conclui que, nos manuais escolares, os textos/gêneros orais tendem a ser encarados como meros «materiais» a que se recorre para a criação de atividades lúdicas ou o estabelecimento de relações intertextuais com obras literárias. No último artigo deste eixo, «A apresentação oral em live para a divulgação científica: o modelo didático de um gênero», os autores, Lília Santos Abreu Tardelli e Francisco Cardoso defendem que as apresentações orais em forma de live são um gênero textual das práticas de divulgação científica. Apresentam, ainda, um modelo didático do gênero a partir de exemplares que tematizaram o cenário da pandemia da Covid-19. Sob a perspectiva teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo, os autores evidenciam regularidades em relação aos fenômenos que constituem o gênero, trazendo uma contribuição para os sujeitos que almejam divulgar suas pesquisas para além da academia.

No eixo referente às «PRÁTICAS DECLARADAS DOS PROFESSORES SOBRE O ENSINO DO ORAL», Luciana Graça, autora de «Práticas declaradas do ensino da oralidade no 1.º ciclo do Ensino Básico, em Portugal: – alguns resultados da aplicação de um questionário, num estudo exploratório», analisa o discurso dos docentes sobre o ensino da oralidade no 1.º ciclo do Ensino Básico, em Portugal, com base nas respostas obtidas a um questionário dirigido a professores deste ciclo de ensino, de molde a explorar não só as referidas práticas como também as principais dificuldades enfrentadas e as necessidades sentidas. E os resultados alcançados, apesar da impossibilidade de generalizações, demonstram quer a existência de determinados avanços nas práticas, e nas respetivas conceções implícitas, declaradas pelos docentes – – como a referência a determinados gêneros que reenviam já para práticas voltadas, explicitamente, para determinadas dimensões ensináveis de um dado objeto de ensino –, quer a importância de haver ainda consideráveis esforços a ser empreendidos – nomeadamente, no sentido de colmatar a discrepância entre os momentos em que os docentes assumem utilizar o oral e aqueles em que afirmam haver um ensino efetivo, e explícito, do mesmo –, em prol da construção de uma didática da oralidade, mais presente, em sala de aula. Em «Bonne nouvelle: les enseignants du fondamental estiment qu’il est important d’enseigner l’oral en classe et se sentent compétents pour le faire! Mais certains ne le font quand même pas...», os autores, Stéphane Colognesi, Vanessa Moser, Catherine Deschepper e Vanessa Hanin, visam também explorar as práticas

declaradas de ensino do oral em sala de aula, e igualmente através da aplicação de um questionário a professores da educação infantil e do ensino fundamental. Eles exploram, nomeadamente, quer as crenças dos docentes sobre o oral e o seu ensino quer situações orais nas quais os professores acreditam que os alunos devem ser competentes na linguagem oral, além de motivos que possam inibi-los de realizar atividades em que o oral é ensinado. E as análises quantitativas realizadas demonstram que existem não só semelhanças entre os professores dos dois grupos, como o reconhecimento da importância de trabalhar e ensinar a linguagem oral em sala de aula e a confiança na sua capacidade para a ensinar, como também diferenças, como o fato de a linguagem oral ser menos ensinada no ensino fundamental do que na educação infantil.

No eixo referente a «EXPERIÊNCIAS INOVADORAS DE ENSINO E AVALIAÇÃO DO ORAL NA ESCOLA», Mariana Oliveira Pinto e Maria Beatriz Gil, com um artigo apresentando uma experiência com alunos de tenra idade, intitulado «Da seleção de informação à comunicação oral: uma experiência realizada com uma turma do 2.º ano de escolaridade», apresentam uma experiência levada a cabo com uma turma do 2.º ano de escolaridade do 1.º ciclo do ensino básico, em Portugal. Foram propostas a planificação e a apresentação de uma exposição oral, com o póster como suporte, tendo as evidências demonstrado a relevância do processo seguido para o desempenho dos discentes, que adquiriram algumas das competências básicas essenciais para um bom desempenho oral. Roxane Gagnon, Rosalie Bourdages e Laura Pippus Marques, por sua vez, em «Avaliação e descrição da oralidade narrativa na escola primária: o que as produções dos alunos nos dizem sobre os efeitos das sequências didáticas», analisam um corpus de narrativas orais espontâneas de alunos de 6 a 10 anos, antes e após a implementação de uma sequência didática sobre o conto. Elas constataam que as histórias produzidas após a sequência didática são mais extensas e apresentam uma melhor construção narrativa. Todavia, o vocabulário não é mais rico, nem as estruturas gramaticais são mais complexas do que naquelas produzidas antes da implementação da referida sequência didática. Em «Estratégias de apresentação de opinião em alunos de ensino básico e secundário», a autora, Carla Marques, com um estudo sobre o texto de opinião oral, parte da análise de um corpus de textos orais produzidos por alunos dos 5.º, 7.º e 10.º anos, atentando nas secções abertura e introdução. Também considera as respetivas subpartes, com vista a sinalizar as secções/subpartes abordadas pelos alunos. A autora visa identificar os movimentos textuais não desenvolvidos e as características daqueles que são apresentados, o que permitirá clarificar os conteúdos que a escola deve trabalhar explicitamente, de molde a promover abordagens didáticas que contemplem as várias dimensões da oralidade.

Em «O gênero ‘exposé oral’ na graduação em Letras-Francês: formando os estudantes para a produção de um texto oral formal», a autora, Eliane Gouvêa Lousada, apresenta um dispositivo didático implementado num curso de graduação em Letras-Francês para que os estudantes aprendessem o gênero “exposé oral”, sendo que os resultados obtidos demonstraram que, globalmente, os seis grupos participantes no estudo obtiveram resultados satisfatórios, ainda que três tenham se destacado, ao terem realizado exposés que continham praticamente todas as características do gênero, tal como trabalhado em sala de aula. Na última contribuição do eixo, a autora de «O museu: um espaço para aprender a falar sobre as obras de arte», Ana Dias-Chiaruttini, mostra como pode o museu colaborar com a escola, prolongando as aprendizagens escolares, mormente, a nível do discurso sobre obras de arte, e desenvolver a aprendizagem sobre o seu funcionamento e os respetivos códigos culturais. A autora analisa uma visita escolar com alunos de 3 e 4 anos de idade, explorando, nomeadamente, como o tipo de mediação escolar do museu se adapta, ou não, a um público desta faixa etária. E conclui que, ainda que o padrão não sofra grandes alterações, em comparação com outras visitas de um público escolar mais velho, o mediador é já muito cauteloso na escolha das palavras usadas na descrição das obras de arte exploradas.

No eixo «FORMAÇÃO DOCENTE», Marileuza Miquelante, Vera Cristovão e Cláudia Pontara, autoras de «Formação de professores(as) de inglês: oralidade na educação linguística crítica», exploram uma coleção didática denominada Cleret (Rotas para Educação Linguística Crítica para Professores de Inglês) e apresentam uma análise dos oito livros que compõem o referido material, em termos de oralidade. As autoras abordam as potencialidades das referidas Rotas, como instrumento de mediação em relação ao processo de ensino-aprendizagem de línguas e instrumento para desenvolvimento de capacidades docentes para formação de profissionais mais críticos e autónomos. Em «Oralidade: Produção e interação no ensino de Português Europeu como Língua Estrangeira a adultos», as autoras, Ana Boléo e Rita Dourado, partem de uma reflexão sobre o facto de a expressão oral nem sempre ocupar um lugar de destaque no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LE), nomeadamente, no que a alguns dos métodos de ensino de Português LE mais vendidos diz respeito. As autoras exploram as potencialidades de um determinado manual em específico, totalmente dedicado à dinamização da competência comunicativa, apresentando-se como uma ferramenta complementar de propostas de exercícios de expressão oral, do nível A1 ao C2, tendo em conta três domínios principais (pessoal, público e profissional). Por sua vez, Carla Teixeira, autora de «A apresentação oral em contexto politécnico:

práticas, gêneros e textos em interação», mostra um percurso de ensino do gênero de texto apresentação oral e descreve as ações dos alunos durante apresentações de um álbum infantil de um Curso Técnico Superior e Profissional que forma técnicos de ação educativa. Ela expõe uma experiência formativa de uma unidade curricular de língua portuguesa do ensino superior em que se pretende dotar os alunos de estratégias linguísticas que lhes permitam construir um percurso acadêmico e profissional com sucesso, colocando o enfoque na descrição do agir dos alunos e no modo como se apropriam das orientações da docente, dos conteúdos informativos e na sua transposição para a apresentação oral, em tempos da pandemia de COVID-19. Já os autores Joaquim Dolz, Gustavo Lima e Juliana Bacan Zani, em «Da fábula escrita à fábula teatralizada: um itinerário para o ensino do oral», apresentam um dispositivo didático para o ensino do gênero fábula teatralizada como desdobramento de um minicurso voltado para a formação contínua de professores de língua portuguesa, não só retomando os modelos didáticos dos gêneros fábula e fábula teatralizada utilizados no minicurso como também abordando o próprio dispositivo didático, contrastando duas modalidades para o ensino deste mesmo gênero: a sequência didática e o itinerário. O quarto eixo finaliza com uma síntese das linhas gerais para a formação do professor. Dessa forma, em «Um decálogo para a inserção da oralidade na formação docente», as autoras, Tânia Guedes Magalhães, Luzia Bueno, Letícia Storto e Débora Costa-Maciel, descrevem duas ações levadas a cabo no campo da formação docente para o trabalho com os gêneros orais na educação básica: a criação de um «Repositório de trabalho sobre oralidade e ensino» e a sua transformação no Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino (LABOR). As pesquisadoras traçam, ainda, um decálogo para a ampliação da presença da oralidade e dos gêneros orais na formação docente, de modo a criar contribuições precisas para que os cursos de Licenciatura, sobretudo Pedagogia e Letras, implementem ações envolvendo o eixo da oralidade nos seus currículos.

O leitor encontrará, assim, neste dossiê da Revista Veredas, múltiplas novidades sobre o ensino da oralidade, que aliam métodos de pesquisa e observação de práticas declaradas e efetivas com experimentações da Engenharia Didática. Também encontrará projetos e propostas concretas de ensino da oralidade em diferentes línguas e contextos em todos os níveis de escolarização. Trata-se de uma primeira contribuição sobre a progressão curricular do ensino fundamental à universidade que merecerá uma continuidade.

Joaquim Dolz (Universidade de Genebra)

Luciana Graça (Camões, I.P./Universidade de Toronto; CIDTFF)

Tânia Guedes Magalhães (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Organizadores

## Referências

BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. Gêneros orais no ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

DOLZ-MESTRE, J. & DUPONT, P. (eds.). Les genres de l'oral. Recherches, 73, 2020.

DOLZ-MESTRE, J., ERARD, S., & SCHNEUWLY, B. Enseigner l'oral à l'école obligatoire. Résonances, 4, p. 3-8, 1995.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. Pour un enseignement de l'oral. Initiation aux genres formels à l'école. Paris: ESF, 1998/2017.

DOLZ-MESTRE, J. Comprendre à l'oral: quel enseignement? Quels dispositifs? Educateur, 8, p. 14-15, 2015.

DOLZ-MESTRE, J. Postface. In: DUMAIS, C. BERGERON, R. PELLERIN, M. & LAVOIE C. (Ed.). L'oral et son enseignement: pluralité des contextes linguistiques. Côte Saint-Luc QC : Ed. Peisaj, 2017.

LEAL, T. F.; GOIS, S. (orgs). A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MAGALHÃES, T. G.; CRISTOVÃO, V. L. L. Oralidade e ensino de Língua Portuguesa. Campinas: Pontes, 2018.

MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D.A.G. Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente. Campinas: Pontes, 2021

MARCUSCHI, L. A. Nove teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua. Revista da Anpoll, n.º 4, jan-jun, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, A. P.;



BEZERRA, M. A. O livro didático de português: múltiplos olhares. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. *Signótica*, 9 (1), p. 119–146, 2009. 13. MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARQUES, C. Argumentação oral formal em contexto escolar. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.

PINTO, 2010.

NRA/NÚCLEO REGIONAL DE AVEIRO do PNEP. O ensino da oralidade: compreensão e expressão. Material não publicado, 2006. Coordenação e gestão do Programa Nacional de Ensino do Português (PNEP) na Universidade de Aveiro: Luísa Álvares Pereira.

PINTO, M. O. Desenvolver competências do oral no 1.<sup>o</sup> ciclo. In SOUSA, O.; CARDOSO, A. (ed.), *Desenvolver competências em língua - percursos didáticos* (pp. 15-32). Lisboa: Colibri/Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, 2010.

SIM-SIM, I., SILVA, A., & NUNES, C. *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação- Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2008.

---